

1

Introdução

O presente trabalho tem por objetivo uma abordagem lingüístico-cultural da sociedade brasileira, com o intuito de analisar a dinâmica das relações inter-pessoais num ambiente de trabalho retratado através do seriado *Os Aspones*. Para tanto, buscamos os conceitos de Casa e Rua (DaMatta, 1984, 1997) propostos pelo antropólogo social Roberto DaMatta, como arcabouço teórico para uma análise da dinâmica dessas relações sociais na cultura brasileira.

Segundo proposição de DaMatta, todas as sociedades complexas ¹ dividem-se em dois espaços fundamentais que operam de modo ora complementar, ora excludente: o mundo da casa e o mundo da rua (DaMatta, 1997: 91-93). Com esses conceitos o autor não está se referindo a espaços físicos, pura e simplesmente, mas sim, a instituições sociais através das quais podemos “explicar e falar do mundo” (DaMatta, 1984:28-29). O mundo da casa “implica maior intimidade e menor distancia social”, sendo norteado, portanto, pelas relações de amizade e parentesco; já o mundo da rua “implica uma certa falta de controle e um afastamento” (DaMatta, 1997:93; 1984:23-33).

A partir desses conceitos, cabe, então, questionar a existência de um espaço intermediário ou limítrofe na sociedade brasileira, um espaço que ficaria situado ambigualmente entre o universo das relações mais íntimas e afetivas, próprias do mundo da casa e o universo do distanciamento, da frieza, característicos do mundo da rua, uma vez que o padrão interacional adotado pelo brasileiro aponta para uma preferência pelas relações de afetividade e emotividade, características da casa (Meyer, 2001:2). O próprio DaMatta dá margem a questionamentos desse tipo quando diz que existem espaços *intermediários* na sociedade brasileira, situados entre a casa e a rua (DaMatta, 1997:92).

¹ Sociedades urbano-industriais em oposição às sociedades simples, “primitivas” ou de pequena escala, conforme terminologia mais atual, as quais constituem objeto de estudo tradicional da Antropologia (Bevilaqua; Leirner: 2000; Magnani: 2006).

Tomando como base a existência de tais espaços limítrofes, a tarefa aqui proposta é, portanto, desvendar quais são esses espaços intermediários e ambíguos existentes na sociedade brasileira. A análise de seriados produzidos pela televisão brasileira serve como ponto de partida para um levantamento de dados que possam comprovar a sua existência. Foram observados os seriados *Os Normais*, *A Diarista*, *Os Aspones*, *Comédias da vida privada*, *Cidade dos homens* e *A grande família*, além do longa-metragem *Domésticas: o filme*. Em *Os Aspones* é retratado um tipo de relação social que parece bastante propício para o surgimento de ambigüidades: o ambiente de trabalho, com todas as suas relações hierárquicas sendo confundidas com laços de amizade e intimidade. Um bom ponto de partida para se desvendarem os espaços limítrofes na sociedade brasileira.

1.1

Justificativa

O tema em questão é uma abordagem mais profunda de um dos temas abordados no curso *Razão, Ação e Emoção: brasilidades em PL2-E*, ministrado pela Professora Doutora Rosa Marina de Brito Meyer, na PUC-Rio, no segundo semestre do ano de 2004.

Um dos objetivos do curso, o questionamento da “identidade cultural brasileira”, questionamento esse realizado por meio de abordagens que visam estabelecer um paralelo entre duas visões sobre a brasilidade: uma análise externa (o brasileiro visto de fora) e uma outra interna (o brasileiro olhando para si próprio), tornou possível esclarecer algumas questões, assim como gerar muitas outras sobre a dinâmica das relações sociais no Brasil. Podemos citar como exemplo um ponto que nos chama a atenção nos estudos sobre a “identidade brasileira”: o fato de o Brasil não se reduzir a uma das múltiplas identidades que o compõem, antes, o termo “brasilidade” é tão amplo a ponto de abranger todos os traços culturais existentes nas diversas regiões do Brasil e nenhum deles isoladamente reflete plenamente a cultura brasileira. (Gontijo, 2002: 73-75).

Logo, apesar das diferenças existentes entre as diversas “culturas” que compõem o Brasil, enxergamos que existem traços culturais que todas essas “culturas” partilham. Um desses

traços é o que buscamos identificar com essa pesquisa: a tendência existente na cultura brasileira - não estamos nos referindo aqui a uma variação regional, mas ao Brasil em sua totalidade - por relações que refletem os traços de familiaridade e afetividade da casa de DaMatta.

1.2

Problema

Conforme já mencionado anteriormente, o curso *Razão, Ação e Emoção: brasilidades em PL2-E* abriu a possibilidade de trabalhar com diferentes aspectos da cultura brasileira, porém um “recorte mais concreto” (Minayo, 1994:37) fez-se necessário, uma vez que um recorte tão amplo não permite uma abordagem mais minuciosa do tema.

Através de pesquisa bibliográfica referente aos estudos que tratam de cultura e comunicação interculturalista revelou-se possível relacionar os possíveis tópicos de pesquisa. Autores como Bennet (1998); DaMatta (1984, 1997); Hall (1988); Harrison (1969); Oliveira (2001); Singer (2000) e Stewart & Bennet (1971), constituem o arcabouço teórico usado como ponto de partida para o desenvolvimento desse trabalho.

A questão referente aos espaços limítrofes na sociedade brasileira, conforme encontrado nos estudos de DaMatta (1984, 1987) aparece, então, como uma possibilidade concreta para o início da pesquisa, pois segundo o autor, tais espaços existem na sociedade brasileira, uma vez que o brasileiro invariavelmente opta por relações de menor distanciamento, muitas vezes transferindo as relações da casa para o ambiente da rua (Meyer, 2001:2; Sousa, 2002:54). Resta, então, a pergunta: como identificar tais espaços limítrofes?

1.3

Objetivo

O objetivo desse trabalho é elencar um conjunto de espaços limítrofes, situados entre a casa e a rua na sociedade brasileira, e presentes no *corpus* composto pelos sete episódios do

seriado *Os Aspones* analisados. Além disso, busca-se identificar como o conhecimento da existência desses espaços limítrofes pode fornecer material de pesquisa para o ensino e aprendizagem de português como língua estrangeira.

1.4

Hipótese

Conforme já definido por DaMatta, o brasileiro demonstra uma preferência pelas relações de maior intimidade e familiaridade, características da casa, adotando tal padrão interacional sempre que possível, até mesmo na rua, espaço que é caracterizado pela luta e pela falta de afetividade. A hipótese que tentamos provar nesse trabalho é a existência, na sociedade brasileira, de espaços intermediários e ambíguos, que chamamos de limítrofes, nos quais as relações da casa são transpostas para a rua, numa tentativa de ser “pessoal e oficial ao mesmo tempo”.

1.5

Relevância

O tema é relativamente novo e certamente relevante no que tange ao ensino de português como língua estrangeira, PL2-E, uma vez que o processo de aquisição de uma língua não está alicerçado somente em aspectos lingüísticos, mas também em aspectos sócio-culturais. O aluno estrangeiro, vivendo no Brasil, encontra uma série de dificuldades de adaptação e tais problemas vão além da barreira da língua, pois a incapacidade de reproduzir os padrões comportamentais, o *habitus* (Farias, 2002:271-276) do falante nativo, é, muitas vezes, motivo de choques culturais e sentimentos de inadequação. Para o aluno estrangeiro, aprendiz de uma nova língua, é de suma importância também o conhecimento da dinâmica das relações sociais que essa língua engloba, pois aprender uma segunda língua não significa traduzir o mundo para um outro código e sim adaptar-se a ver o mundo de uma maneira diferente, expressa através da língua e dos padrões sócio-culturais desse povo (Elgin, 2000:50).

Seguindo essa lógica, o aluno de PL2-E, vindo de uma outra cultura, com uma outra língua e acostumado a outros padrões interacionais, obviamente, diferentes dos encontrados na cultura brasileira, encontrará certa dificuldade em entender como funcionam tais relações que envolvem a casa, a rua e a existência dos espaços limítrofes na cultura brasileira. Tal aluno dificilmente estará apto a prontamente reconhecer que, no Brasil, existe uma preferência pela transposição dos padrões interacionais da casa para as relações da rua, numa tentativa de mitigar o distanciamento entre interactantes, conforme representado pela expressão que norteia esse trabalho: “pessoal e oficial ao mesmo tempo”. Isso porque nas relações da casa brasileira repousam os sentimentos de bem-estar e aconchego, como bem representado pela expressão “lar, doce lar” (Meyer, 2001:1).

Tal incapacidade em reconhecer esses padrões interacionais muitas vezes é a fonte de diversos problemas de adaptação encontrados entre alunos de uma língua estrangeira. Acreditamos que um aprofundamento no tema possa ser de grande valia tanto para pesquisadores e professores da área quanto para alunos interessados em aprofundar-se no conhecimento da língua e da cultura brasileiras.

1.6

PL2-E: O ensino de português como segunda língua para estrangeiros

Além da busca pela delimitação dos espaços limítrofes existentes no ambiente de trabalho na sociedade brasileira, o tema desse trabalho também contempla o ensino de português como segunda língua para estrangeiros, ou PL2-E, conforme nomenclatura adotada nessa área de estudos da PUC-Rio.

Conforme já citado nos itens anteriores, o ensino de uma língua deve abordar aspectos que vão além de uma concepção puramente gramatical ou morfo-sintática da língua (Meyer, 2004:80). Portanto, no tocante ao ensino de PL2-E, faz-se necessária uma abordagem que contemple não apenas os aspectos lingüísticos e gramaticais da língua portuguesa, mas também os aspectos culturais encontrados nas interações características da sociedade

brasileira, uma vez que “ensinar língua para estrangeiro implica ensinar uma nova cultura, que ideologicamente subjaz ao lingüístico” (Nélo, 2001:2).

Tal abordagem voltada para o cultural no ensino de língua, ou mais especificamente, no ensino de português como segunda língua para estrangeiros, tem como arcabouço teórico estudos antropologia social sobre a sociedade brasileira, os quais delimitam uma série de padrões interacionais encontrados nas relações existentes na sociedade brasileira (Meyer, 2004:80; 2000:44). Assim sendo, Meyer define tais padrões interacionais como:

“Estou chamando de interacionais aqueles fenômenos lingüísticos que caracterizam os comportamentos interpessoais, ou seja, as estruturas lingüísticas que utilizamos para nos relacionarmos uns com os outros. São estas estruturas que compõem, portanto, o que poderíamos chamar de comportamento social lingüístico do brasileiro: como nos comportamos, ou falamos, quando queremos dizer o que/ para quem/ em quais circunstâncias” (Meyer, 2000:44).

Podemos afirmar que o conhecimento dos padrões interacionais da língua alvo afetará a maneira como o estrangeiro recém-introduzido na cultura de uma dada língua irá interagir nesse novo ambiente, uma vez que:

“Para o ensino de línguas, é necessário considerar o papel dos aspectos interculturais que podem afetar em maior ou menor medida tanto a futura comunicação do aprendiz na comunidade na qual se usa a língua-alvo como aqueles que afetam o próprio processo de ensino/ aprendizagem e conseqüentemente o processo de aquisição da língua” (Grannier, 2001:2).

Há algum tempo, estudos na área de PL2-E têm abordado a influência dos aspectos interculturais no ensino / aprendizagem do português (Albuquerque, 2003; Grannier, 2001; Meyer, 2000, 2001, 2004), porém podemos afirmar que tal abordagem ainda está ausente no material didático voltado para a área de ensino de línguas, ficando restrito aos estudos da

Antropologia Social e do Interculturalismo (Bennet, 1998; DaMatta, 1984, 1987, 1993, 1997; Hall, 1998; Harrison, 1983; Singer, 2000).

Como dissemos acima, a partir da análise de aspectos interacionais encontrados na sociedade brasileira, buscamos elencar, nesse trabalho, um conjunto de espaços limítrofes existentes entre o espaço da casa (as relações de familiaridade) e o da rua (as relações de distanciamento) e como o tema ainda é novo e pouco trabalhado dentro dos estudos do português como segunda língua, acreditamos que fornecerá material para futuras pesquisas nos estudos referentes a PL2-E.

1.7

Organização do trabalho

Esse trabalho divide-se em quatro partes. A primeira parte, começando no capítulo dois, abrange a teoria que utilizamos como base do trabalho; nesse capítulo estão englobados os conceitos da Antropologia Social trazidos por Roberto DaMatta (1984, 1987, 1993, 1997): a casa, a rua, o “jeitinho”, a “malandragem” e o “sabe com quem está falando?”. Além dos estudos interculturais de Anna Wierzbicka (1985, 1991, 1999) que englobam as noções de: diretividade, harmonia, proximidade, intimidade, informalidade e afetividade. Além da noção de registro na língua, proposta por Travaglia (1998).

Na segunda parte temos o terceiro capítulo, que trata da metodologia empregada para organizar a pesquisa: definição de pesquisa qualitativa e definição da amostragem, a Análise da Conversação como instrumento de coleta de dados e como os dados foram organizados.

A terceira parte traz a análise do material coletado, conforme encontrado no quarto capítulo. Delineamos na análise dos dados quatro grupos distintos de espaços limítrofes: espaços físicos, eventos, relações inter-pessoais e expressões verbais.

A quarta e última parte encontra-se no quinto capítulo, o qual traz a conclusão do trabalho.